

DIÁLOGOS SOBRE INTERFACES E VISIBILIDADE

Fernanda Bruno* e Francisco Menezes-Martins**

As formas dialógicas a partir das interfaces tecnológicas proporcionam experiências diversas. Do ponto de vista acadêmico, motivações e perspectivas em pesquisas podem ser compartilhadas sem a presença física no mesmo ambiente. A própria discussão sobre interfaces ganha vida quando imersa na ambiência do virtual. Nasce a conexão através de redes e telas, onde também vive-se as mediações de tais interfaces.

A *telepresença* (Virilio, 1993) como tela imaginária de paisagens da cibercultura. Superfície do social em constantes atualizações e retornos do (e ao) mesmo virtual.

O diálogo que segue tem como ponto de partida, as idéias apresentadas pela pesquisadora Fernanda Bruno (2001 e 2004), com comentários e réplica. Pretende inaugurar uma forma estilística e acadêmica que reúne fragmentos de conversas via e-mail, permitindo certa visibilidade ativa e voluntária de atividades em comum e, ao mesmo tempo, distintas e complementares.

No início, tratava-se de uma atividade experimental, uma prosa espontânea com troca de idéias, entre pesquisadores em comunicação, cultura e tecnologia (outras interfaces). Posteriormente, porém, o resultado inspirou novos objetivos, como o de criar um link entre o Programa CiberIDEA da ECO/UFRJ e o Grupo de Tecnologias do Imaginário (GTI) da FAMECOS/PUCRS, através de dois de seus coordenadores.

FRANCISCO MENEZES-MARTINS:

No artigo que publicaste no livro *A Comunicação na Cibercultura* (Bruno, 2001), trataste as interfaces desde conceitos amplos e associadas a procedimentos de mediação. Eu não havia pensado nisso. Aprendi contigo que elas estão presentes há muito na vida humana. Estaria em Platão (1967) na questão aparência/profundidade, mundo de cima/mundo de baixo. Levando ao pensamento de Nietzsche (1992), na fábula do mundo verdadeiro, em oposição ao mundo das aparências, onde, desaparecendo um

deles, o outro deixaria de existir: dependência de interface.

Também falas de “membrana”. Escrevi sobre as superfícies da era do virtual (cyberspace, redes e telas) fazendo analogia com a osmose (interface intercelular com passagem do meio menos concentrado para o meio mais concentrado).

(...) as próprias concepções de Bem e Mal são valores da moral, que em si também são interfaces imanentes do tipo homem/mundo

Hoje, vejo que este par - osmótico real/virtual ou atual/virtual - é uma interface também (Menezes-Martins, 1997).

Seguindo com Nietzsche e fazendo uma ponte para o teu artigo deste ano no Grupo de Trabalho Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade da Compós (Bruno 2004), as próprias concepções de Bem e Mal são valores da moral, que em si também são interfaces imanentes do tipo homem/mundo. Valores compartilhados, mas não construídos em conjunto (Menezes-Martins, 2004).

A própria idéia conjectural de Deus é uma interface transcendental. No caso do panóptico, a interface do valor da vigilância. No caso dos *weblogs* e *webcams* (Lemos, 2002 e Sibilia, 2003), interface do valor da solidão reduzida em graus: minha ‘intimidade’ interessa, logo tenho valor. Refém do olhar do Outro? Violência divisível: sem a outra parte não há possibilidade de centramento e felicidade.

Terrorismo de visibilidade como interface de controle pela sedução. Como tu explicas: o olhar do panóptico foi invertido. Digo eu, houve uma passagem pela ‘membrana cyberosmótica’. As não-celebridades pertenciam a um meio mais concentrado do que as celebridades, permitindo a passagem do imaginário. Simulacros de

celebridade. Quem precisa das 'verdadeiras' celebridades? Ocupemos seu lugar.

Quem precisa de Deus, se podemos responder o que quisermos em seu nome.

Ocupemos seu lugar? Sobre o risco, penso que é uma das maiores formas de terrorismo da atualidade: uma espécie de previsão meteorológica do devir.

As leituras de Fernanda Bruno me despertam para novas interfaces interpretativas.

FERNANDA BRUNO:

Fico feliz por inspirar tão interessantes conexões e idéias em teu trabalho. Boas interfaces. Gosto do modo como você 'radicaliza' a noção de interface e a estende para domínios que eu não havia pensado. Acho particularmente perspicaz o seu uso no âmbito do que chama de 'superfícies da era virtual' e sua articulação com a temática nietzscheana dos valores e da moral.

(...) são nos meios de contato com o 'olhar' do outro que se decidem as táticas e os efeitos da vigilância, da construção da identidade (...)

Acrescento: se vivemos uma inversão do olhar panóptico, se a subjetividade encontra na sua face visível (esteja ela no comportamento, no corpo ou na tela) o seu lugar privilegiado de investimento, se o valor encontra na superfície e na extremidade do que se mostra, do que se faz notável e visível o seu lugar de efetuação (me refiro ao fato midiático, à lógica da celebridade, à espetacularização do sofrimento, à exposição da intimidade, etc.), a interface é ainda uma vez uma noção decisiva, pois são nos meios de contato com o 'olhar' do outro que se decidem as táticas e os efeitos da vigilância, da construção da identidade e da intimidade, da produção dos acontecimentos etc.

Essa 'cultura da interface' também assegura, como você mostra bem, a passagem ou a permeabilidade entre diferentes domínios - os seus "simulacros de celebridades e de Deus". Boa formulação essa. Quanto ao risco, você tem toda razão em associá-lo ao terrorismo. E o que mais preocupa é exatamente essa captura do futuro, do devir, dimensões associadas ao desejo

e ao exercício da liberdade, e que pelo discurso dos risco (Vaz & Bruno, 2003) se reduzem a fontes ansiedade e temor. Não sei se este comentário faz jus às suas considerações. Quanto a mim, a leitura de tua leitura dos meus textos abriram bons caminhos de entendimento e reflexão.

NOTAS

* Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da UFRJ
Coordenadora do CiberIDEA/ECO/UFRJ
Pesquisadora do Programa IDEA/ECO/UFRJ

** Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação Social/
PUCRS
Coordenador do Grupo de Pesquisa em Tecnologias do Imaginário/
PUCRS
Pesquisador do Grupo de Tecnologias do Imaginário/
PUCRS

REFERÊNCIAS

BRUNO, F. In: Da Silva, D.F. & Fragoso, S. **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

_____. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. Texto apresentado no GT Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade. Compós: São Bernardo do Campo (SP), 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

LEMONS, A. **A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet**. In: CD-Rom da XI Compós, 2002.

MENEZES-MARTINS, F. Cyberspace, redes e telas: as superfícies da era do virtual. In: **Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia**. N. 6. Porto Alegre: Edipucrs. (1997)

_____. (2004) **A Rebelião do Virtual**. In: File 404 Not Found. Edição 40 - maio de 2004: Disponível em <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOfound/index.html> Acesso em 28 mai. 2004, 14:01:17.

NIETZSCHE, F. **El Ocaso de los Ídolos**. Madrid: M.E. Editores, 1992.

PLATÃO. **Libros VII e X de La República**. In: **Platon - Obras Selectas**. Buenos Aires: Editorial Bibliográfica Argentina, 1967.

SIBILIA, P. **Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica**. In: CD-ROM da XII Compós, 2003.

VAZ, P. & Bruno, F. **Types of self-surveillance: from abnormality to individuals 'at risk'**. In: **Surveillance & Society** 1 (3): Foucault and Panopticism revisited, 2003.

VIRILIO, P. **O Espaço Crítico - e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.